

## Madeira tem a mais baixa taxa de mortalidade infantil do país

No ano passado, a Madeira foi a região do país que registou a mais baixa taxa de mortalidade infantil do país: 2,1 (valor que corresponde a 4 óbitos de crianças com menos de 1 ano por cada mil nados-vivos). O valor é metade da taxa registada em 2018 no Algarve (4,2) e quase metade da taxa nos Açores (4), sendo que a Madeira fica mesmo 1 ponto percentual abaixo da taxa média nacional: 3,2.

A taxa obtida no ano passado é mesmo a terceira mais baixa de sempre, já que apenas foi suplantada em 2008 (1,1, mas 8 óbitos) e 2010 (2 e 5 óbitos).

Estes dados, sobretudo quando se tem em conta que em 1960 a Madeira tinha a segunda taxa de mortalidade mais alta do país (100,5 óbitos de crianças com menos de 1 ano por cada mil nados-vivos), satisfaz as autoridades regionais de saúde. Herberto Jesus, presidente do Conselho Executivo do Instituto de Administração da Saúde (IASAÚDE) refere que “a taxa de mortalidade infantil é um dos indicadores mais fiáveis para analisar os sistemas de saúde e é um indicador que ao longo dos tempos tem sido extremamente importante para Portugal como um todo”. “Se formos a analisar que nos anos 60, na Região, morriam 100 crianças por 1000 nados-vivos, o caminho foi longo”, diz o responsável sublinhando que a taxa registada em 2018 foi a mais baixa do país.

Porém, este é um resultado importante que “nos alegra mas não tranquiliza” já que este é um valor baseado em pequenos números e que se podem alterar de um ano para outro (por exemplo, em 2017, houve 7 óbitos de crianças com menos de um ano na Região, o que levou a que a taxa de mortalidade infantil se fixasse nos 3,6).

De qualquer modo, o presidente do IASAÚDE, sublinha o trabalho que tem sido feito nos últimos anos e que tem sido fundamental para a evolução positiva deste indicador, caso da proximidade existente entre os vários ‘stakeholders’ da saúde e a integração de cuidados de saúde primários e hospitalares numa única entidade, que permite uma comunicação mais célere e eficaz (neste âmbito, Herberto Jesus diz esperar que esta comunicação se estabeleça também com as novas unidades privadas de saúde que estão a surgir na Madeira). “Esta proximidade faz com que se tenha mais conhecimento do que se está a passar”, acrescenta o responsável.

Porém, não basta conhecer e comunicar. Tendo em conta o envelhecimento crescente da população e a diminuição da taxa de natalidade, é preciso uma atenção especial para não só incentivar a natalidade, como proteger ao máximo as grávidas e os (futuros) bebés. Daí que Herberto Jesus sublinhe o investimento que tem sido feito na vacinação e acompanhamento das grávidas, no conhecimento da infância, no plano regional de vacinação (“o grande investimento na vacinação mudou muito a realidade da mortalidade infantil na Região”), nos rastreios pré-natais, factores que concorrem sem dúvida para os bons resultados ao nível da taxa de mortalidade infantil. “Estamos atentos e vamos continuar a estar”, garante.

### **Grupo de estudo nacional**

Se na Madeira houve uma diminuição da taxa de mortalidade infantil entre 2017 e 2018, ao nível nacional não foi isso que aconteceu, tendo aumentado de 2,7 para 3,2. Embora em termos europeus, os valores para Portugal se têm mantido abaixo dos da UE e mais baixos que os de países

de referência (Reino Unido, França, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Suíça, Alemanha, Luxemburgo, entre outros), a verdade é que esta variação levou a que a Direcção-Geral de Saúde criasse um Grupo de Trabalho para aprofundar o estudo da Mortalidade Infantil, do qual faz parte o presidente do IASAÚDE.

Segundo explica, este grupo pretende analisar tendências determinantes da mortalidade infantil, desde o local da residência, o aumento crescente da idade da mãe, antecedentes obstétricos, o peso à nascença do recém-nascido, respectiva idade gestacional, entre outros. “Queremos saber mais, para saber o que mais podemos melhorar, porque de facto o valor hoje da Madeira é 2,1, mas nada garante que este valor se altere amanhã”, salienta.

Segundo a DGS, os resultados preliminares não identificam uma causa única que se possa apontar como responsável pela variação ocorrida em 2018. O fenómeno das oscilações da taxa de mortalidade infantil é multifactorial. Nem sempre é possível identificar uma causa ou um só grupo de causas, no entanto identificam-se algumas tendências.

A verdade é que, como refere Herberto Jesus e um documento da DGS, o perfil da grávida e da gravidez está a sofrer alterações, com um aumento da idade materna à data do parto e conseqüente aumento da patologia subjacente, com pressão sobre os próprios limites biológicos e recurso crescente a técnicas de Procriação Medicamente Assistida. O risco de morbi-mortalidade para a mãe e recém-nascido fica, assim, acrescido nestas situações. “A idade das mães em Portugal está a aumentar, e sofre novo aumento em 2018. O

grupo etário materno =40 anos foi responsável por 5,2% dos nascimentos em 2014, e por 7,4% em 2018. A idade das mães das crianças falecidas em período neonatal sofre tendência idêntica. Em 2018, e em relação a 2017, foi evidente a maior taxa de mortalidade neonatal no grupo de idade materna =40 anos, mas com um valor, ainda assim, inferior ao de 2016”, refere um comunicado da DGS, que acrescenta que “o recurso à procriação medicamente assistida (PMA), estável em número nos serviços públicos, tem aumentado nos serviços privados, bem como a proporção de mães com 40 e mais anos de idade que recorrem à PMA”.

#### TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL

ANO	CONTINENTE	AÇORES	MADEIRA
1960	77,5	111,9	100,5
1981	21,4	27,2	26,7
1990	10,7	14,1	12,1
2000	5,3	8,1	8,1
2008	3,3	4,6	1,1
2009	3,6	5,4	3,4
2010	2,5	5,5	2
2011	3,1	2,9	3,3
2012	3,3	6	2,4
2013	2,9	4,7	2,7
2014	2,8	3,5	4,6
2015	2,9	4,4	3,6
2016	3,3	1,8	2,7
2017	2,6	2,3	3,6
2018	3,2	4	2,1



In “*Diário de Notícias*”